



FERNANDA ALVES DOS SANTOS CRUZ

AS VICISSITUDES DA SEXUALIDADE
FEMININA E O IMPERATIVO DO ORGASMO

ILHÉUS /BA

2024

FERNANDA ALVES DOS SANTOS CRUZ

AS VICISSITUDES DA SEXUALIDADE
FEMININA E O IMPERATIVO DO ORGASMO

Trabalho apresentado à disciplina
TCC II do Curso de Psicologia da
Faculdade de Ilhéus, como requisito
de aprovação.

Orientador: Prof^a. Me. Maria da
Conceição Almeida Vita

ILHÉUS /BA

2024

**AS VICISSITUDES DA SEXUALIDADE FEMININA E O IMPERATIVO DO
ORGASMO**

FERNANDA ALVES DOS SANTOS CRUZ

APROVADO EM: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA:

Faculdade de Ilhéus – CESUPI
(Prof^ª. Me. Esp. Maria da Conceição Almeida Vita)

Faculdade de Ilhéus – CESUPI
(Prof^ª. Dra. Luciana Ferreira Chagas)

Faculdade de Ilhéus – CESUPI
(Prof^ª. Me. Indira Vita Pessoa)

ILHÉUS/BA

2024

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, que apesar de não compartilhar dos questionamentos que fomentaram este trabalho, me ajudou à sua maneira a ingressar e permanecer na faculdade, sendo eu até onde sabemos a primeira delas na família a fazê-lo.

À minha amiga mais longínqua, Alícia Gonçalves Morais, com quem divido a vida a distância há dez anos e que compartilha comigo e me permite compartilhar a experiência de crescer se construindo como mulher neste mundo e sem a qual eu nunca teria pensado neste tema, que adveio de inúmeras conversas, reflexões e vivências pessoais nossas.

À minha orientadora, Maria da Conceição Almeida Vita, por abraçar um tema inicialmente mal formulado e aparentemente muito novo até então, do qual eu me sentia tanto animada quanto insegura em abordar, por se disponibilizar a atender minhas dúvidas e checar documentos com uma velocidade admirável, por conseguir manejar quando eu estava perdida em tanta coisa que gostaria de escrever a respeito, através da qual tive contato em várias de suas aulas com muitas referências que terminaram compondo este trabalho, por se lembrar de mim em seus estudos a fora e me enviá-los. Este trabalho não existiria sem você.

À Luciana Ferreira Chagas, por ofertar um estágio em sua área de pesquisa que considero ter sido fundamental em minha formação e que possibilitou me identificar com a Psicanálise através de um cronograma muito mais amplo de tempo, de estudo e discussão do que é, infelizmente, possível nas disciplinas. E por alguns favores e pedidos atendidos aqui e ali.

Por fim, à toda e qualquer mulher que assim se identifique que está aberta a se questionar, mesmo que por vezes, as respostas apenas levantem mais questionamentos.

“Que nada nos limite. Que nada nos defina.
Que nada nos sujeite. Que a liberdade seja a nossa própria substância.”

- Simone de Beauvoir

AS VICISSITUDES DA SEXUALIDADE FEMININA E O IMPERATIVO DO ORGASMO

Fernanda Alves dos Santos Cruz

Maria da Conceição Almeida Vita

RESUMO

Este artigo explora o fenômeno do fingimento do orgasmo numa sociedade que vem buscando cada vez mais a equidade de gênero. Após as Revoluções Sexuais o prazer sexual feminino se tornou pauta, pavimentado o caminho para que se tornasse um direito e significativo para a saúde sexual. A questão central é: “Em que medida a psicanálise compreende as mulheres ainda fingirem orgasmo diante deste contexto histórico?”. O fingimento vem na contramão da conquista da vivência da sua sexualidade de maneira prazerosa e não mais como objeto de prazer para o outro. No entanto, ao fingir vivencia-se para o Outro, enquanto secretamente se mantém no padrão anterior em que o orgasmo era proibido às mulheres, ou seja, uma sexualidade sempre submetida ao Outro. O objetivo da pesquisa pretende interpretar este fenômeno através de pressupostos psicanalíticos, bem como, traçar um percurso dos estudos de Freud sobre a histeria que viabilizaram a criação da Psicanálise e suas subsequentes formulações, e sobre os movimentos feministas que combatem a desigualdade de gênero, desde a Revolução Francesa até os dias atuais. A metodologia é revisão de literatura. Como resultado, espera-se encontrar que apesar das movimentações rumo à equidade, as mulheres ainda vivenciam sua sexualidade de maneira submissa ao desejo do Outro.

Palavras chave: Sexualidade Feminina. Psicanálise. Revolução Sexual.

THE VICISSITUDES OF FEMALE SEXUALITY AND THE IMPERATIVE OF ORGASM

Fernanda Alves dos Santos Cruz

Maria da Conceição Almeida Vita

ABSTRACT

This article explores the phenomenon of faking orgasm in a society that is increasingly seeking gender equality. After the Sexual Revolutions, female sexual pleasure became an issue, paving the way for it to become a right and significant for sexual health. The central question is: “To what extent does psychoanalysis understand why women still pretend to orgasm in this historical context?”. Faking it runs counter to the conquest of experiencing one's sexuality in a pleasurable way and no longer as an object of pleasure for others. However, by pretending one experiences it for the Other, while secretly maintaining the previous pattern in which orgasm was forbidden to women, in other words, a sexuality that was always subject to the Other. The aim of the research is to interpret this phenomenon through psychoanalytic assumptions, as well as tracing Freud's studies on hysteria, which led to the creation of psychoanalysis and its subsequent formulations, and the feminist movements that combat gender inequality, from the French Revolution to the present day. The methodology is a literature review. As a result, we expect to find that despite the moves towards equality, women still experience their sexuality in a submissive way to the desire of the Other.

Keywords: Female Sexuality. Psychoanalysis. Sexual Revolution.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
2. A SEXUALIDADE NA PSICANÁLISE.....	9
3. HISTERIA, FEMINILIDADE, PSICANÁLISE E FEMINISMO	12
4. A OBRIGATORIEDADE DO ORGASMO E O QUE FAZ UMA MULHER	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS	25

INTRODUÇÃO

Em uma sociedade que tem buscado desmistificar o sexo como um tabu, discutindo abertamente cada vez mais e tornando acessível tópicos como orgasmo, educação sexual, equidade de gênero, objetificação e sexualização excessiva, ainda há uma incidência muito grande de mulheres vivendo sua sexualidade de forma subjetivamente submissa ao Outro, ao ponto de fingir a ocorrência do ápice de seu prazer sexual, o orgasmo.

Segundo Jorge e Travassos (2021, p.10), “a cultura representa uma continuidade da estrutura do sujeito”. E essa cultura, mesmo que tenha sido permeada em grande parte da história pelo machismo e submissão da mulheres das mais diversas formas, vem vivenciando nos últimos dois séculos, movimentos que buscam pela liberdade dessa opressão da sexualidade vinculada à reprodução, do ascetismo, da fidelidade marital, do controle imposto pela família e da objetificação da mulher, culminando com a segunda e terceira ondas do movimento feminista, influenciadas pelos estudos sobre a sexualidade de Freud, pelo advento das pílulas anticoncepcionais, pela cultura hippie, pelo movimento sufragista e pelo clima deixado no pós Segunda Guerra.

A revolução Sexual, como ficou conhecida, incluiu diferentes ondas do Feminismo, um conjunto de movimentos políticos, sociais, ideologias e filosofias que buscam direitos equânimes e uma vivência humana com o empoderamento feminino, direitos para as mulheres e a libertação de padrões patriarcais, sendo um deles a limitação da sexualidade feminina à procriação e à objetificação da mulher, permitindo então, o controle da mulher sobre sua reprodução, a liberdade sexual e a experimentação do prazer sexual.

Estes novos paradigmas provocam então o questionamento do por quê, neste momento em que é permitido/ incentivado/ exigido sentir este prazer sexual, as mulheres começaram a fingi-lo e continuam fingindo-o. Agora que a cultura abriu essa oportunidade e ainda motiva a vivência desse prazer, uma parte considerável das mulheres começaram a reproduzir um comportamento que permite que elas aparentem corresponder a esse novo paradigma de experimentação do orgasmo, ao mesmo tempo que as mantém no paradigma antigo e patriarcal, de mulheres que não alcançam ao ápice mas são o instrumento que permite o ápice do parceiro.

Através de uma revisão de literatura, se apresentam os dados deste comportamento do fingimento do orgasmo relacionando-os com dados históricos e com conceitos psicanalíticos, sendo assim possível salientar as influências socioculturais para o funcionamento psíquico do indivíduo, especialmente nas mulheres no que se refere ao quesito do exercício e vivência da

sua sexualidade. Este trabalho é composto por introdução, dois tópicos de revisão de literatura, um tópico de análise e discussão e considerações finais.

O objetivo do artigo pretende interpretar o fenômeno do fingimento/simulação do orgasmo na sociedade atual através de pressupostos psicanalíticos, acarretando implicações práticas para a compreensão da vivência sexual feminina na sociedade e oportunizando a consideração de novas estratégias de intervenção para prática clínica e social, favorecendo um papel mais ativo na vida sexual da mulher, aspecto este marcado pela submissão, pelo machismo e pela objetificação feminina.

Como resultado, espera-se encontrar que apesar de conquistas rumo à equidade de gênero, inclusive de direitos, as mulheres ainda vivenciam sua sexualidade de maneira submissa ao desejo do Outro, ou seja, como objeto de prazer do Outro.

2. A SEXUALIDADE NA PSICANÁLISE

Por muito tempo, sexualidade foi limitada à qualidade daquilo que é sexual, e o sexual restrito ao ato sexual e à genitalidade. A partir da psicanálise, seu conceito foi expandido para um aspecto central do ser humano que inclui sexo, gênero, identidades, orientação, erotismo, prazer, intimidade, produção e satisfação, podendo ser expressado através de pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relações, sendo influenciado por fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, éticos, legais, históricos, religiosos e espirituais. (Pontes, 2011)

Entretanto, a sexualidade ainda está no senso comum atrelada à adolescência, fase de transição da idade infantil para a idade adulta, em que se inicia a puberdade, o processo que traz biologicamente a maturidade sexual, ou a fertilidade, resultando na produção de inúmeros hormônios. (Papalia; Feldman, 2013)

Em 1905, Freud publica a obra *Três ensaios sobre a sexualidade*, desafiando a opinião popular e os preconceitos vigentes sobre a sexualidade, estendendo-a para além dos limites de sua definição convencional e reportando o início desta na primeira infância, um período muito mais precoce, seguindo fases sucessivas até culminar na sexualidade adulta. (Quinodoz, 2007)

Para além da distinção entre consciente, pré-consciente e inconsciente é preciso apresentar outro conceito da chamada primeira tópica freudiana para compreender a sexualidade na teoria psicanalítica, que é o conceito de pulsão, que apesar de ser citado nos *Três Ensaio*s, só é abordado diretamente na obra posterior de *As Pulsões e seus Destinos*, publicado em 1915. (Quinodoz, 2007)

A pulsão segundo Freud (2013) é um estímulo psíquico que advém do interior do próprio organismo, que não atua como uma força momentânea de impacto e sim como uma força constante. Como ela atua do interior do corpo, nenhuma fuga é eficaz contra ela e pode ser equiparada a uma necessidade, uma satisfação. Sobre isso, o autor discorre:

Coloquemo-nos na posição de um ser vivo quase totalmente desamparado, ainda desorientado no mundo, e que recebe estímulos sobre sua substância nervosa. Esse ser logo estará em condições de estabelecer uma primeira diferenciação e adquirir uma primeira orientação. Por um lado, ele passará a perceber estímulos dos quais é capaz de se afastar através de uma ação muscular (fuga), sendo tais estímulos relativos ao mundo externo; por outro lado, porém, perceberá também estímulos contra os quais tal ação é inútil, que, apesar disso, mantêm seu caráter de constante premência, sendo tais estímulos a marca característica de um mundo interior, a evidência de necessidades pulsionais. A substância perceptiva desse ser vivo terá adquirido, assim, na eficácia da atividade muscular, um ponto de referência para distinguir um “fora” de um “dentro” (Freud, 2013, p. 31).

Freud (2013), também traz que as pulsões são regidas pelo princípio do prazer, ou seja, é regulada automaticamente por sensações da série prazer-desprazer, sendo a sensação de desprazer o aumento de estímulo, ou podemos dizer, de energia, de tensão. Ao passo que o prazer seria o oposto, a diminuição do estímulo.

Para além do conceito, a pulsão é constituída por pressão, meta, objeto e fonte. A meta de uma pulsão é sempre a satisfação, alcançada através da suspensão do estado de estimulação. O objeto é o meio pelo qual ou através do qual a pulsão pode alcançar sua meta, é o que há de mais variável na pulsão e pode ser substituído diversas vezes no decurso dos destinos vividos pela pulsão. Enquanto a fonte da pulsão pode ser compreendida como o processo somático em um órgão ou parte do corpo, cujo estímulo é representado na vida psíquica pela pulsão. (Freud, 2013)

Segundo Freud, (2016) a vida sexual das crianças se manifesta de uma maneira observável geralmente por volta dos três ou quatro anos, mas a manifestação da pulsão sexual se choca com obstáculos externos e internos, tais como a educação que é um fator de civilização e a repulsa, o pudor e a moral, que constituem a expressão da repressão.

Como uma das primeiras manifestações da vida sexual infantil, ele aponta a sucção que aparece no bebê e é utilizada no aleitamento do seio materno ou em seus substitutos, ato em que se busca um prazer adquirido através dos lábios das crianças que constituem para psicanálise uma zona erógena, apoiando a atividade sexual inicialmente a uma função que serve a conservação da vida, a necessidade de alimentação. (Freud, 2016)

Para Freud (2016), considerar a pulsão sexual ausente na infância e limitar seu despertar a puberdade é um erro que acarreta no desconhecimento das condições fundamentais da vida sexual. E estudar as manifestações sexuais infantis possivelmente revelaria os traços essenciais da pulsão sexual, mostraria seu desenvolvimento e possibilitaria ver sua composição a partir de várias fontes.

O conceito da sexualidade para Freud, portanto, não está limitado a perspectiva comum, da sexualidade adulta referente ao sexo, mas uma sexualidade ligada à libido ou prazer. Para ele, toda pulsão é pulsão sexual configurando a sexualidade na psicanálise. Pulsão é nada mais, nada menos que energia, são impulsos psíquicos que conduzem o comportamento humano, situando-se na fronteira entre o mental e o somático. (Rezende, Bueno, Araújo, Silva, Dantas e Ferreira 2023)

Rezende, Bueno, Araújo, Silva, Dantas e Ferreira (2023) apontam que quando se fala em libido infantil aos olhos da psicanálise, refere-se ao prazer que a criança sente descobrindo o mundo através do seu corpo, como através dos lábios no aleitamento materno, a partir de uma relação autoerótica. Esse período de descoberta configura as fases do desenvolvimento infantil, e envolve três fases: a oral, a anal e a fálica.

Tais fases, conhecidas como fases do desenvolvimento psicosssexual, nada mais são que momentos em que certos impulsos relacionados com partes específicas do corpo da criança adquirem privilégio em relação aos outros, não implicando que outros não possam estar atuando ao mesmo tempo ou que os anteriores tenham sido superados ou apenas deixado de atuar. (Freud, 2016)

Como dito anteriormente, é através da boca que suas primeiras experiências são vividas e como consequência, a boca adquire um interesse especial na sua relação com os objetos que lhe cercam, configurando a fase oral. Privilegiando nessa fase o objeto do seio materno ou seu substituto, pelo qual adquire-se não só a satisfação da fome, mas da vontade de comer, além de ser acompanhado de um conjunto de elementos como voz, calor, carícia, proteção que constituem também suas primeiras relações com a mãe. (Freud, 2016)

Na fase anal, é o Outro que lhe dirige um apelo para que se regularize as funções excretórias, com a educação para o controle dos esfíncteres e a criança passa a ter um papel ativo na relação com seus novos objetos de prazer: as fezes. Então, o que antes era incorporação e exclusão do objeto, agora se manifesta na forma de contrair ou relaxar os esfíncteres. (Freud, 2016)

Por fim, a fase fálica se caracteriza como o momento em que os genitais e a diferenciação sexual passam a tomar o interesse da criança com maior intensidade. O menino,

que segundo o Complexo de Édipo ama e deseja sua mãe, descobrem que existem pessoas que não possuem pênis como ele. Uma irmã, prima, coleguinha da escola ou qualquer outra pessoa do sexo oposto se apresentam para o garoto como diferentes, faltosas, castradas, mas espera que sua mãe, ainda possua aquele atributo. (Furtado, 2024)

Eventualmente, o garoto percebe que sua mãe também é diferente, que lhe falta algo, vivenciando a angústia de perceber que a castração é possível, configurando o chamado Complexo de Castração. Para o garoto resta então obedecer às ameaças do pai, rival e detentor do amor da mãe para que possa continuar ileso com relação a seu membro tão valioso, sendo pai, por fim, responsável pelas idas e vindas da mãe, ao se atrasar ou desejar outras coisas que não ele mesmo. (Furtado, 2024)

As justificativas que para a criança explicam as ausências da mãe é denominada falo, por constituírem representações substitutas simbólicas desse pênis que falta à mãe e que ela vai buscar em outras pessoas ou objetos, sendo este, o falo, o conceito psicanalítico que representa a falta e que permite a dialetização das relações do sujeito com o Outro, indicando uma ausência e, portanto, uma insatisfação. (Dor, 1989)

A sexualidade para a psicanálise é então uma construção que se inicia na infância a partir dos encontros que se tem com os outros, tratando-se de economia de prazer e satisfação e pautados nos cuidados que se tem com a criança, sendo expressada pelos sentidos e não envolvendo necessariamente a reprodução, pois o prazer possui múltiplos caminhos e a reprodução e o coito apenas pode ser um deles. (Freud, 2016)

3. HISTERIA, FEMINILIDADE, PSICANÁLISE E FEMINISMO

A histeria para a psicanálise seria a própria estrutura de base de todo sujeito neurótico, mas à época da medicina antiga a mesma era estudada como uma doença com um caráter curioso de sintomalogia migratória, cujo seu próprio nome é associado ao útero – *hysteros*, em grego -, logo, à sexualidade e à mulher. (Jorge e Travassos, 2021)

Para além disso, foi o pai da medicina – Hipócrates - que introduziu o qualitativo ‘histérico’ para designar um distúrbio relacionado ao útero, observado por ele em mulheres viúvas e jovens solteiras, cujos tratamentos eram, conseqüentemente, o casamento e a gravidez. É apenas quando desassociam o centro da doença do útero para o sistema nervoso que forçar-se a considerar a hipótese que a histeria poderia acometer igualmente homens e mulheres. (Jorge e Travassos, 2021)

São os tratamentos de sintomas histéricos de Joseph Breuer que chamam a atenção de Freud, o que acabou sendo determinante para o nascimento da psicanálise. A histeria era uma afecção bastante difundida no fim do século XIX e indagava-se se sua origem era orgânica ou psíquica já que os sintomas não correspondiam a uma lesão anatômica localizável, além de desaparecer e aparecer de maneira aleatória, fazendo muitos médicos rejeitar esses doentes por considerá-los loucos ou simuladores. (Quinodoz, 2007)

É com os mais de 10 anos de trabalhos clínicos, descritos na obra *Estudos sobre a Histeria* que Freud e Breuer descrevem detalhadamente o tratamento de cinco doentes e suas hipóteses. É em um desses casos, a cura de Emmy von N., que Freud acaba por abandonar a hipnose em favor da associação livre, um dos fundamentos da psicanálise. (Quinodoz, 2007)

Freud conclui no caso de Emmy von N, que a origem de sua histeria tinha como papel determinante a repressão de um elemento sexual. Para ele, a origem da histeria estava relacionada a uma sedução sofrida durante a infância e as lembranças destas quando adulto, separadas pela puberdade, em que inicialmente o indivíduo é incapaz de sentir uma emoção sexual por não ter atingido a maturidade sexual, não havendo, portanto, a repressão. E pós-puberdade, em que um acontecimento desperta a lembrança antiga, causando um impacto traumático muito mais importante do que o incidente inicial. E é essa linha de pensamento que o leva a considerar uma sexualidade infantil. (Quinodoz, 2007)

Para Jorge e Travassos (2021, p.10), “a cultura representa uma continuidade da estrutura do sujeito” e é evidente o quando a cultura, a educação, enquadrado no que Freud chama de fatores civilizatórios são distintos entre os gêneros. A linguagem, por exemplo, marca essa visão da diferença sexual.

Segundo Laqueur (2001), durante milhares de anos acreditou-se que as mulheres tinham a mesma genitália que os homens, apenas sendo interna ao contrário de externa. Durante dois milênios, um órgão que no início do século XIX se tornou uma comparação da mulher, não possuía nome específico. Galeno se refere a ele com a mesma palavra que usava para testículos masculinos, deixando apenas que o contexto esclarecesse a qual sexo ele se referia.

A tendência universal de se reduzir a raça humana ao termo “o homem” é um exemplo excludente que ilustra um comportamento androcêntrico. Toda a construção hierárquica tem historicamente, na maioria das sociedades, o homem enquanto ponto de referência. Assim, meninos e meninas adquirem características e atribuições aos apreciados papéis masculinos e femininos, sendo levados a se identificarem com padrões dicotômicos para melhor realizarem estes papéis. (Nascimento, 2020)

Ao discorrer sobre o desenvolvimento da sexualidade nas meninas, em *Sobre a Sexualidade Feminina (1931)*, Freud (2010) esclarece que na fase do complexo de Édipo Normal, a criança se liga afetivamente ao genitor do sexo oposto, mas se o primeiro objeto da menina também é a mãe – devido ao desenvolvimento da sexualidade infantil – implica-se que em algum momento ela se desprende da mãe.

Segundo o autor, o desenvolvimento da sexualidade feminina é complicado por conta da tarefa de abandonar a zona genital originalmente dominante – o clitóris -, por uma nova – a vagina (Freud, 2010). Portanto, inicialmente, para o autor, todos os sujeitos possuem pênis e a menina, ao se deparar com a diferença sexual se sente desprovida de algo e passa a invejar o pênis e desejar ser um menino. O autor postula que a satisfação primária do sujeito em relação a mãe é passiva em ambos os sexos era antes entendida como feminina. Posteriormente, há o investimento libidinoso ativo direcionado à mãe como objeto e a complexidade da construção dessa sexualidade se dá na dificuldade de lidar, ao mesmo tempo com o falicismo necessário para afastá-la da passividade inicial e retomar, em sequência, uma passividade especificamente feminina que encaminhe o ‘Complexo de masculinidade’ – denegação da castração.

Deste complexo processo, o autor fornece três resultados: a) afastamento da sexualidade geral; b) se apegar, autoafirmando-se teimosamente, à masculinidade ameaçada; c) a configuração da feminina entendida como normal. Confirmando a feminilidade em termos freudianos como quando ocorre o abandono da masturbação no clitóris, a renúncia a atividades alinhadas a posições masculina. A passividade torna-se dominante, fazendo com que ocorra a virada em direção ao pai motivada pelo desejo de obter dele um pênis que posteriormente é deslocado para o desejo de ter um filho. (Freud, 2010)

O movimento feminista acaba sendo importante por destacar a vivência feminina e por iniciar o processo de desestabilização nas relações de gêneros considerando como as experiências masculinas são concebidas como a experiência de todos os seres humanos e tidas como norma universal, tanto para homens quanto para mulheres, sem reconhecer completa e igualmente a experiência feminina. (Nascimento, 2020)

A Revolução Sexual de 1960 principalmente, incluída na segunda onda feminista, foi um período no qual direitos foram conquistados na maior parte dos países, mas a igualdade entre homens e mulheres existia apenas no papel, levando ao questionamento da ideia de mulher, de feminilidade e de seus papéis. Um grande nome desse período, que questionou o que é ser mulher, a possível existência de uma essência feminina e a influência da perspectiva masculina e da opressão foi Simone de Beauvoir, uma filósofa francesa. (Silva et al., 2021)

No mesmo período, também ocorre a separação da reprodução da vivência sexual graças ao surgimento dos contraceptivos orais, que contribuíram para colocar, sobretudo mulheres jovens, numa situação de grande tensão para não se sentirem constrangidas a respeito do ato sexual, pois depois de passarem suas vidas inteiras perseguindo um suposto caminho para felicidade através da monogamia, da reprodução, da virgindade, da fidelidade marital, da abstinência e do ascetismo, passou-se a ser disseminado a ideia de libertação sexual como o caminho para se libertar da opressão da sociedade. (Texeira-Marques, 2006)

Nesse sentido, o surgimento da pílula anticoncepcional permitiu uma separação eficaz entre a sexualidade e a reprodução, sendo o único método contraceptivo que pode ser utilizado sem a participação do médico e a colaboração ou consentimento do parceiro. A mesma possui também um caráter libertário pelo contexto cultural e político em que surgiu. Segundo Loyola (2010), seu advento convergiu com os valores novos associados ao movimento hippie que surgiu nos Estados Unidos durante a década de 1960 e a revolta estudantil conhecida como “Maio de 68” na França, ambos contestavam os valores culturais de uma sociedade conservadora, moralista e repressiva, principalmente no campo sexual.

Foi nesse contexto que as feministas francesas adotaram a luta contra uma lei de 1920 que proibia a divulgação de qualquer método contraceptivo no país, ao perceber que o controle procriacional da pílula possibilitava às mulheres ampliar suas possibilidades de atuação em diversos campos, inclusive em relação ao prazer sexual. (Loyola, 2010)

O mesmo não aconteceu no Brasil. Atentas as preocupações políticas de controle da explosão populacional, principalmente de pobres e negros, dos países do Terceiro Mundo que orientaram as pesquisas iniciais sobre a pílula na década de 1950¹, as feministas brasileiras viram a pílula e sua divulgação como mais um movimento de intervenção imperialista dos Estados Unidos no país. A esquerda brasileira e os militares – por razões distintas – compartilharam do mesmo ponto de vista no período da década de 1960 e 1970 e apontam a justificativa do país nunca ter adotado uma política oficial de planejamento familiar. (Loyola, 2010)

¹ A pílula originou-se por dois professores da Universidade de Harvard, em Massachusetts, nos EUA. Supervisionados e financiados por Margaret Sanger, uma defensora da eugenia. O medicamento foi testado em Porto Rico por conta de uma política pública de controle da superpopulação promovida pelo governo local da ilha e pelos EUA, pensada especificamente para a redução populacional ocorrer entre as comunidades mais pobres. A pílula testada nesse caso, tinha uma dose muito superior à atual e causava fortes efeitos colaterais que foram desconsiderados. Três pessoas morreram no ensaio clínico e as causas exatas de suas mortes são desconhecidas, ainda assim o projeto foi estendido para o Haiti, México, Nova York, Seattle e Califórnia por prevenir a gravidez. Mesmo após ser aprovada pela FDA, a pílula continuou a causar efeitos colaterais graves que incluíam coágulos sanguíneos e levou a processos judiciais. (Ávila-Claudio, 2019)

Ainda assim, através da atuação de médicos e organismos internacionais, as taxas de fecundidade total do país caíram em mais de 60% em apenas meio século, passando de 6,21 filhos por mulher em 1950, para 2,38 em 2000, até chegar em 2007 a uma taxa total de 1,95. Mas foram as camadas com maior poder aquisitivo e maior nível de escolaridade que de fato se beneficiaram da pílula. (Loyola, 2010)

Nas camadas mais socialmente vulneráveis e regiões mais pobres e menos urbanizadas, o acesso a esse anticoncepcional foi e continua sendo mais difícil, mesmo que atualmente o planejamento familiar hoje seja consagrado como um direito reprodutivo da mulher. Tanto que as taxas de fecundidade continuam sendo relativamente mais elevadas entre as populações dessas camadas e regiões. (Loyola, 2010)

Segundo Escoffier (2015), a maior parte do pensamento sobre comportamento sexual, papéis sexuais e desenvolvimento psicológico da época da Revolução Sexual em 1960 foi influenciado pelos estudos de Freud sobre a sexualidade. Segundo o autor:

A tradição freudiana focou na repressão e a sublimação para controlar as energias libidinais indisciplinadas, transformando as energias sexuais em energias culturais. Nos seus primeiros trabalhos, Freud viu o custo da repressão sexual, mas ele também acreditava que tais energias libidinais eram forças poderosas e disruptivas. No fim de sua vida, ele passou a acreditar que a repressão e a sublimação eram necessárias para a sobrevivência da sociedade moderna (Escoffier, 2015, pg. 2, tradução nossa²).

Um dos discípulos de Freud, Wilhelm Reich, autor do livro *A Função do Orgasmo*, publicado em 1927, chegou a uma conclusão mais radical. Para ele, a expressão sexual – principalmente o orgasmo – era natural e controlar socialmente as energias libidinais através da família e da moralidade sexual era destrutivo, sendo a repressão da sexualidade causadora de uma profunda distorção do desenvolvimento psicológico. Suas teorias possuíam muitas semelhanças com as crenças das pessoas que instigaram a Revolução Sexual de 1960 a respeito da repressão sexual, tendo sido ou não herdadas dele, é difícil estimar a influência do seu trabalho na cultura geral. (Escoffier, 2015)

² No original: “The Freudian tradition focused on repression and sublimation to control unruly libidinal energies, transforming sexual energies into cultural energies. In some of his early work, Freud saw the costs of sexual repression, but he also believed that the libidinal energies were powerful and disruptive forces. Toward the end of his life, he came to believe that sexual repression and sublimation were necessary to the survival of modern society”.

Para Reich, a interrupção do coito era um impedimento da diminuição da excitação das zonas erógenas, e em seu raciocínio, devia produzir tensões desagradáveis que levavam aos sintomas neurastênicos e aos da neurose de angústia, tornando a experiência do prazer dependente da liberação satisfatória da excitação dos movimentos do orgasmo, afirmando não ser possível haver neurose na presença de uma vida sexual normal. Essas afirmações antecederam a apresentação posterior do conceito de potência orgástica, a capacidade de se entregar ao fluxo de energia sexual biológica sem inibição, possibilitando a descarga completa de toda a excitação sexual reprimida através das contrações involuntárias que o corpo apresenta durante o orgasmo. (Boadella, 1985)

Ao se considerar a importância do orgasmo, é preciso se pensar na grande diferença na vivência sexual entre homens e mulheres. Segundo Kontula e Miettinen (2016), o público masculino experiencia o orgasmo com mais frequência que o feminino, chegando a índices de 90% nas relações sexuais enquanto a frequência das mulheres situa-se por volta dos 50%, o que não corresponde a um mundo de relacionamento e atividades sexuais ideais.

Somando-se a isto, o público feminino começou a performar o orgasmo à ponto de chamar a atenção para pesquisas. Segundo Hevesi et al. (2021) a prevalência de fingir/performar orgasmo entre mulheres parece ser muito comum, com pesquisas iniciais indicando que cerca de 55% das mulheres fingiram orgasmo no mínimo uma vez em suas vidas. Esse padrão foi confirmado em estudos ainda mais recentes com taxas tão altas quanto 67 a 74% enquanto outras mais moderadas com taxas de 30 a 40%.

4. A OBRIGATORIEDADE DO ORGASMO E O QUE FAZ UMA MULHER

Segundo Zanello, Fiuza e Costa (2015), a experiência do sofrimento psíquico é produto de uma construção social, sendo reflexo de valores e normas vigentes em determinado período histórico e político de nossa sociedade. À vista disso, quando uma pessoa apresenta sintomas de sofrimento emocional, estes não provêm apenas de uma vivência individual, mas expõem relações de poder que ocorrem em determinados espaços, ocasionando diferenças nas manifestações de sofrimento psíquico entre homens e mulheres. E dentre as mulheres, há uma prevalência de 77% de falas marcadas por queixas relacionais (amorosas, familiares e outras).

Isto é visto na pesquisa exploratória de Kobayashi e Reis (2015) que buscavam identificar, além do início da atividade sexual e as referências sexuais a satisfação de mulheres jovens em São Paulo. Dentre os dados levantados, os resultados mostraram que 81.6% já tiveram um orgasmo, mas 68.3% das mulheres afirmaram que não necessitavam dele para se

sentirem satisfeitas sexualmente. As autoras, então, associaram esses dados com outro estudo realizado em 2002, que mostrou que, para as mulheres, fatores como carinho, afeto e respeito mútuo são fatores mais importantes em um relacionamento sexual, levando a constatação de que a preocupação das mulheres jovens em satisfazer o parceiro sexualmente é muito alta, e por conta disso, elas terminam por abdicar do seu próprio gozo sexual a fim de manter o relacionamento, “trocando”, portanto, sua satisfação sexual por outras formas de satisfação, como a existência e/ou manutenção de um relacionamento afetivo.

Se torna ainda mais interessante que uma parte das mulheres neguem a importância do orgasmo para sua satisfação sexual quando relatos de fingir alcançá-lo aparecem cada vez mais. Hevesi et al. (2021) em sua pesquisa, buscaram relacionar problemas orgásticos com o fingimento de orgasmo em diferentes tipos de relacionamentos. Como resultado, os dados apontam que 55% das mulheres falsificaram orgasmo pelo menos uma vez na vida, mas estudos mais recentes apresentam taxas tão altas quanto 67 a 74%. Enquanto 61.9% dos orgasmos fingidos ocorreram em relacionamentos românticos, 40.8% em relacionamentos sexuais de mais de uma noite e 38% em casos de apenas uma noite. Ao relacionar essa ocorrência com diferentes tipos de relação, Hevesi et al. (2021) concluem que uma parte das mulheres fingem ter orgasmos independente da relação, sugerindo a existência de algo que provém de suas personalidades que ocasione a tendência ao fingimento, possivelmente ligado ao estilo de apego, a evitação de sentimentos negativos sobre não atingir o orgasmo e diferentes crenças e atitudes.

Ao aliar este comportamento a noção de gênero como uma performance cristalizada por repetição estilizada dos atos, dar-se uma ideia, possivelmente equivocada, de substancialização, no sentido daquilo que há de permanente nas coisas que mudam. Essa repetição, segundo Butler (2012), não se dá livremente e tem por trás uma estratégia de sobrevivência, que sugere a existência de uma coação social, claramente punitiva, na qual a performance se dá correspondendo ao tornar-se mulher em uma sociedade binária e se adequando ao papel que essa sociedade espera da mulher. Ou seja, essa repetição performática acaba sendo perpetuada culturalmente e estende-se para a estrutura dos indivíduos de maneira subjetiva.

Homem e Calligaris (2019) chamam atenção para as categorias com as quais pensamos e nas quais nos organizamos socialmente e como as construímos: razão/loucura, pobres/ricos, selvagens/civilizados, masculino/feminino foram todas construídas culturalmente e só se percebeu quando já se estava beirando a metodologia inversa, ou seja, de desconstrução. Os autores trazem:

“Talvez seja assim mesmo: só entendemos o que fazemos quando não conseguimos mais dar conta daquele fazer inconscientemente, quando ele não é mais tão eficaz. Quando, então, Elena Belotti escreve: ‘Do lado das meninas, vou contar como é’, ou seja, ‘veja tudo o que a gente constrói’, é porque aquilo já não se sustenta mais.” (Homem; Calligaris, 2019, p.11)

Shere Hite (1981), ao coletar depoimentos sobre a importância do orgasmo para as mulheres em seu livro *The Hite Report: A Nationwide Study of Female Sexuality* traz que a maioria das mulheres concordaram com alegações sobre as mulheres terem direito a ter orgasmos, que se há a necessidade de se masturbar para consegui-los, o mesmo serviria para seu parceiro e não durante um intercuro sexual com ela – em que ela é o instrumento para o parceiro - e que a ideia que não importa se as mulheres têm orgasmos ou não é uma mentira que elas contam a si mesmas.

Ao abordar relatos sobre uma pressão para ter orgasmos, especialmente durante a relação sexual, Hite (1981) chama atenção que agora que a ideia de que ter orgasmos é uma parte natural do curso sexual feminino também se tornou popular, esse direito se torna, por vezes, uma opressão. Fazendo com que as mulheres se sintam obrigadas a ter orgasmos mais para satisfazer homens do que a si mesmas. Alguns desses relatos trazem que por vezes, há um sentimento de que alcançar o orgasmo é mais para satisfazer o desejo do parceiro do que a necessidade da própria mulher de atingi-lo.

O outro lado dessa pressão social diz respeito a uma suposição de que uma mulher que tem orgasmos é, de alguma forma, “mais mulher”, ou uma “mulher de verdade”. Os relatos a respeito desse tópico se contradizem sobre a importância do orgasmo, pois segundo uma delas a literatura o tornou um fardo enquanto outras dizem que gostam de tê-los, mas pior que não os ter é sentir que falhou ou que é frígida ou não sexual. (Hite, 1981)

No cenário contemporâneo, Prata e Dias (2008) agrupam os motivos que levam as mulheres a simularem o orgasmo em quatro categorias. Segundo os autores, um total de 38,5% o faz para encurtar o tempo de relações não prazerosas; 24% para garantir a continuidade do relacionamento; 20,2% para não revelar ao parceiro suas dificuldades sexuais; e 17,3% para manter o sentimento de competência sexual do parceiro. Também se nota que a maior parte das entrevistadas prefere assumir o comportamento de simulação por não terem em mente uma ação mais assertiva para a elevação da qualidade do relacionamento.

Essa preocupação de se ter ações mais assertivas para aprimoramento de relacionamentos condiz com os dados de Zanello, Fiuza e Costa (2015) a respeito de como em face ao sofrimento psíquico, as falas das mulheres são marcadas principalmente por queixas

relacionais. E ao analisar o conteúdo dessas falas, as autoras concluem que no discurso feminino a experiência do adoecimento psíquico e o sentido/vivência da doença são gendrados em 1) os dispositivos da maternidade (100%) e do casamento (85,7%); 2) sofrimento de violência, seja sexual (71,4%), física (71,4%) ou psicológica (14,2%); 3) sexo (57,1%); 4) trabalho (57,1%); 5) invisibilização do sofrimento (85,7%) por ela mesma ou por outras pessoas; 6) sofrimento por não se adequar dentro de um ideal estético (57,14%) e 7) o lugar de silêncio (100%), privilegiado na socialização feminina.

Apontando para como a experiência subjetiva de “ser mulher” é alterada por estereótipos que são construídos socialmente e estão fortemente arraigados na consciência, constituindo o mundo simbólico que escapa do controle da razão (Zanello, Fiuza e Costa, 2015). Algo que é confirmado por Butler (2012, p.1178), “aquilo que parece ser algo extremamente individual, ou seja, a vivência de um conjunto de mal-estares no âmbito subjetivo, expressa regularidades que são moldadas por uma dada configuração social”.

De acordo com as autoras Zanello e Gomes (2010) e Zanello e Romero (2012), as categorias valorizadas nas mulheres decorrem de basicamente três eixos: a renúncia sexual; traços de caráter e beleza estética. Esteticamente, na nossa cultura, a imagem da mulher se confunde com a da beleza e veicula-se um padrão ideal como falsamente acessível a todas as mulheres e no momento em que alguma não se encontra dentro dele, é julgada por um crivo moral, considerada inferior, “menos mulher”. Para além disso, segundo Zanello, Fiuza e Costa (2015), tal ideal é vivenciado como uma escolha pessoal e não um assujeitamento.

Sobre a renúncia sexual e os traços de caráter relacionais, segundo as autoras, a verdadeira mulher idealizada têm seu valor aferido pela contenção/recato da sexualidade e o exercício de cuidados (amor) ao Outro, que são expressos pelos papéis de esposa, dona de casa e de mãe. Conferindo-lhe um ideal de existência pautado em viver para os outros, em que estar fora dessa esfera familiar que lhe cabe, não é somente uma violação social como também uma “desnaturalização”. (Zanello, Fiuza e Costa, 2015)

O risco dessa “desnaturalização” é o que Swain (2006) chama de dispositivo amoroso, que segundo a autora é um mecanismo de subjetivação que forma mulheres prontas a se sacrificarem, viverem no esquecimento de si por amor a outrem:

Nas fendas do dispositivo da sexualidade, as mulheres são “diferentes”, isto é, sua construção em prática e representações sociais sofre a interferência de um outro dispositivo: o amoroso. [...] O amor está para as mulheres o que o sexo está para os homens: necessidade, razão de viver, razão de ser, fundamento identitário (SWAIN, 2006, online).

Retratando ao que se destina socialmente o “ser mulher”: o dever de ser dócil, amorosa, devotada, recatada e, sobretudo, amante. Aprisionando-as ao desejo do outro, silenciando-as em uma vivência de impotência em que diante da impossibilidade de expressar-se, implode. (Zanello, Fiuza e Costa, 2015)

O chamado por Swain (2006), de dispositivo amoroso é o ganho, então, da “troca” que as mulheres pesquisadas por Kobayashi e Reis (2015) fazem, dispensando seu gozo sexual para estarem em um relacionamento. Isso pode ser associado com um esclarecimento que Freud (1996) faz no artigo *Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor* de 1912, em que aponta a cisão do desejo masculino, que é constituída em dois lados: um terno e outro erótico. Demonstrando uma dificuldade típica da vida dos homens que os impossibilitam de amar e desejar a mesma mulher, em que um exclui o outro, de maneira que, a mulher desejada não pode ser amada e vice-versa. O que constitui os dois objetos típicos do desejo masculino a “virgem” e a prostituta.

Ao discorrer que a sexualidade pode ser expressada, segundo Pontes (2011), por comportamentos, valores e práticas e influenciado pela cultura, é natural, supor que o mesmo ocorra durante a relação sexual das mulheres, que, apesar das discussões trazidas pelo movimento Feminista, suas ondas e suas conquistas de direitos legais, ainda se assujeitam, em ato, ao dever de ser dócil, bela e recatada, principalmente, sexualmente para corresponder ao dispositivo amoroso pontuado por Swain. (2006)

Entretanto, o referido assujeitamento pontuado por Zanello, Fiuza e Costa (2015), mesmo como estratégia de sobrevivência que constitui o mundo simbólico que escapa do controle da razão, no sentido de que é feito, sem explicação para porquê é feito e, por vezes, sem perceber que é feito, tem um custo. Afinal, como lembra Escoffier (2015), o trabalho inicial de Freud discorreu sobre os efeitos da repressão sexual.

Segundo Freud (2014), existe uma ligação entre inibição e angústia que não pode ser desconsiderada. O autor traz que:

Várias inibições são claramente renúncias à função, pois o exercício desta produziria angústia. É frequente, na mulher, o medo da função sexual; nós o incluímos na histeria, do mesmo modo que o sintoma defensivo do nojo, que originalmente surge como reação a posteriori ao ato sexual experimentado passivamente, e mais tarde se apresenta com a simples ideia do ato. Também grande número de atos obsessivos se revela como precauções e garantias contra a experiência sexual, sendo de natureza fóbica, portanto. (Freud, 2014, p.11)

Para o autor, a função sexual está sujeita a diversos transtornos, a maioria deles com caráter de inibições simples, classificadas como impotência psíquica. O mesmo traz que os principais estágios da inibição são o afastamento da libido no início do processo (desprazer psíquico), a ausência de preparação física (falta de ereção), a abreviação do ato (ejaculação precoce), que também pode ser sintoma, a interrupção do mesmo antes do desfecho natural (ausência de ejaculação) e a ausência do efeito psíquico (sensação de prazer do orgasmo).

As inibições, portanto, exprimem uma limitação funcional do Eu³. Freud (2014, pg. 13) traz que, de maneira geral, “a função do órgão subordinado ao Eu fica prejudicada quando aumenta sua ‘erogeneidade’, sua significação sexual”. Ou seja, o Eu realiza a renúncia dessas funções para evitar ter que efetuar uma nova repressão, significando um conflito com o Id. Entretanto, algumas inibições estão claramente a serviço da autopunição, no sentido de que, o Eu não pode fazer certas coisas que lhe trariam vantagens e êxitos, pois é algo que o severo Super-eu⁴ lhe proíbe. Evitando, nesse caso, conflito com o Super-eu.

O autor então começa a considerar a angústia como um afeto experimentado pelo ego diante de um perigo, este tendo sempre o significado do temor da separação e da perda do objeto. Entretanto, Freud (2014) muda de opinião e entende que é a angústia que produz a repressão e não o contrário, como pensava anteriormente.

Mas, o autor chama a atenção para o fato de que a inibição não é necessariamente um sintoma, ou seja, um sinal e o substituto de uma satisfação pulsional que não ocorre, e o resultado do processo de repressão. Através de um sinal de desprazer, o ego mediante a repressão, consegue evitar que a representação que porta a moção desagradável seja impedida de chegar à consciência. (Freud, 2014)

Existe, contudo, uma contradição no trabalho do ego, pois se a repressão mostra sua força, ela também mostra sua fraqueza, porque a moção pulsional do Id mantém sua existência fora da organização do ego. Ou seja, a luta contra ela entende-se em luta contra o sintoma. O ego, por sua vez, busca tomar para si o sintoma para não mais considerá-lo um corpo estranho, porém, ao se apropriar dele, o ego pode reforçar sua fixação, constituindo um ganho secundário, a quem se referem comumente como o prazer no desprazer. (Freud, 2014)

Isto implica que existe um ganho secundário nas queixas femininas pontuadas por Zanello, Fiuza e Costa (2015), em corresponder ao dispositivo amoroso de Swain (2006), no assujeitamento e em se fingir o orgasmo para a parceira/o que advém de construções sociais, mas que se estão sendo percebidas, levantadas, discutidas e estudadas é porque, como pontuou

³ “O Eu é essencialmente representante do mundo exterior, da realidade.” (Freud, 2011, p. 25)

⁴ “O *super-eu* funciona como advogado do mundo interior, do Id.” (Freud, 2011, p. 25)

Homem e Calligaris (2019), este fazer inconscientemente não está mais sendo tão eficaz, psiquicamente não está mais se sustentando.

Em uma análise de estudo de caso, Riviere (2005), aponta um comportamento que um indivíduo assumia para afastar a angústia. O caso em questão era de uma mulher extremamente bem sucedida em uma profissão intelectual que na época era considerada “masculina” que envolvia escrever e falar publicamente. Após uma apresentação de sucesso em público, em especial, a mesma tinha tendência de reagir com um comportamento excessivamente feminino, flertando compulsivamente e sendo “charmosa” - comportamentos que ela não se dava conta até que a análise os manifestasse.

Para a autora, o flerte e coquetismo compulsivos eram uma tentativa inconsciente de desviar a angústia que ela esperava receber por parte das figuras paternas após seu desempenho intelectual. Ao realizar com sucesso a exibição pública de sua proficiência intelectual, era como exibir a si mesma na posse do pênis do pai, tendo-o castrado. Ao término da exibição, a mesma era tomada por um pavor da represália que as figuras paternas poderiam exercer. (Riviere, 2005)

Com este estudo de caso, a autora chega a uma conclusão de que a feminilidade é uma máscara, um vestir-se. Não há uma “feminilidade verdadeira”, nem uma que se oponha a feminilidade como disfarce, ou seja, a essência da feminilidade é fingir ser uma mulher. (Riviere, 2005)

Zupancic (2023), em sua interpretação sobre a sugestão de Riviere (2005) vai ainda mais longe:

Alguém se torna uma mulher ao carregar a castração como uma máscara. A castração não é recalcada (ou é, mas em menor medida do que no caso dos homens) nem é pressuposta como algo empírico. [...] A castração só pode ser encenada, o real da castração não é algo que possa ser exposto ou visto como tal. Ninguém o tem (a saber, o significante faltante), os homens não mais do que as mulheres; o que ambos têm é uma maneira de lidar com esse menos ontológico, ao lidar com seu marcador (a função fálica como a função da castração). (Zupancic, 2023, p. 94)

A autora segue com o raciocínio de que se o uso da castração como máscara define a posição feminina, não impede que os homens também a utilizem assim. Afinal, demonstrações ostensivas de virilidade sempre têm um curioso resultado de parecer femininas. A função fálica não é masculina, o que se percebe como masculinidade e feminilidade são apenas diferentes formas de seu desdobramento. (Zupancic, 2023)

Para Zupancic, a angústia enfatizada por Riviere (2005) vai além do medo de represálias por figuras paternas, mas também, principalmente, pela angústia de literalmente ser nada. No

sentido de: “E se eu realmente não for coisa alguma e se não houver ‘eu’ em nada disso?”. (Zupancic, 2023, p. 94)

Nesse sentido, a autora esclarece que:

Essa angústia ontológica não se resume a “Eu sou esse nome?”, mas gira em torno de “Será que eu existo?”. Tudo o que me resta agora é um fingimento, uma máscara. O sujeito está preso a essa máscara por um fio, e talvez não o contrário. Sob a máscara, não há nada além de pura angústia ontológica. (Zupancic, 2023, pg. 95)

A interpretação de Zupancic (2023), traz luz às contraditoriedades das conquistas femininas. Segundo Loyola (2010), mesmo que os campos de atuação tenham sido ampliados para as mulheres graças a pílula anticoncepcional, ao longo de cerca de cinquenta anos de sua existência, elas recebem 30% menos do que os homens, e em regiões e camadas mais pobres estão concentradas em ocupações de baixa qualificação e mal remuneradas, com a carteira não assinada e sem garantias trabalhistas e quase um terço delas exerce atividades domésticas ou não remuneradas. A responsabilidade nas tarefas reprodutivas também não diminuiu, em muitos casos até foram ampliadas. Em todas as camadas sociais, elas permanecem exercendo a dupla jornada de trabalho, ou seja, as tarefas domésticas em conjunto com as exercidas fora de casa, além de contribuir mais pesadamente com despesas domiciliares e as referentes aos cuidados e educação dos filhos. Evidenciando que, mesmo seus direitos conquistados até então destinam-se ao Outro, filhos, maridos, parentes, ao lar, incluindo seu orgasmo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, compreende-se que os papéis de gêneros foram construídos e são perpetuados por um fazer inconsciente. Tais papéis são incorporados pelos sujeitos durante o desenvolvimento de sua sexualidade, que diz respeito a como nos colocamos no mundo e cujo o orgasmo é apenas um dos destinos possíveis e, portanto, não pode ser desassociado do todo.

O movimento feminista como foi visto, teve um papel crucial no processo de desestabilização nas relações de gênero, ao questionar o que é ser mulher e clamar por equidade. A Revolução Sexual, por sua vez, desestabilizou instituições que oprimiam e ainda oprimem as mulheres vivenciarem sua sexualidade por completo, tais como o casamento.

A dita obrigatoriedade do orgasmo pelas mulheres nada mais é do que o reflexo do direito ao prazer sexual feminino ter entrado em pauta, a ponto de tornar-se direito e significante para a saúde sexual, sendo “absorvido” pelo papel do que é ser mulher na sociedade atual,

apenas mais uma coisa que precisa ser feita para se enquadrar no que a sociedade diz ser mulher. O orgasmo que não ocorre é fingido ao Outro para corresponder ao papel do gênero feminino, mas sua ausência não passa despercebida a quem performa.

É inegável então a necessidade de mais pesquisas e estudos de caso sobre o fingimento do orgasmo feminino além de como as mulheres vivenciam sua sexualidade no cenário atual, tema que está começando a ser estudado em diversas áreas, mas que levanta muitas questões a respeito de como o campo psíquico reage nessas essas situações. Também não existem pesquisas que investiguem como essa sexualidade inibida e reprimida ressaem exatamente no corpo, sendo o sofrimento e como ele é vivenciado subjetivo, se faz necessário que seja acompanhado em cada caso.

Por fim, podemos entender que as construções sociais que fazemos inconscientemente tais como homem/mulher, feminino/masculino para nos organizar socialmente são realizadas e necessárias para esconder o vazio de não existir, fundamentalmente, nada concreto que defina o que faz de alguém homem ou mulher, ou o que faz algo ser feminino ou masculino, ou, se quer, onde começa e termina alguém. Fazendo com que, para o funcionamento da sociedade moderna, essas identidades sejam necessárias, social e politicamente, para a conquista de direitos como o casamento homoafetivo, o divórcio, o direito feminino de votar e assim por diante.

REFERÊNCIAS

ÁVILA-CLAUDIO, Ronald. Pílula Anticoncepcional. **Bbc News Brasil**. As Mulheres Usadas Pelos Eua Como 'Cobaias' da Pílula Anticoncepcional em Porto Rico. 19 set. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c514vq9p9v9o>. Acesso em: 24 maio 2024.

BOADELLA, David. **Nos Caminhos de Reich**. 3. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1985. 340 p.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CLOSS BOEFF, M.; CAMARGO, T. S. de. Gênero e Diagnóstico em Saúde Mental: Que relação é essa?. **REVES - Revista Relações Sociais**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 0050–0055, 2020. DOI: 10.18540/revesv13iss1pp0050-0055. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/reves/article/view/9520>. Acesso em: 13 abr. 2024.

DOR, J. **Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

ESCOFFIER, Jeffrey., **The Sexual Revolution, 1960-1980**. 2015. Disponível em: http://www.glbqtarchive.com/ssh/sexual_revolution_S.pdf. Acesso em: 9 nov. 2023.

FERREIRA, Ezequiel Martins. LIBIDO SEGUNDO A PSICANÁLISE: explorando o desenvolvimento infantil. **Teoria e Pesquisa em Psicologia** 2, [S.L.], p. 1-5, 22 jun. 2023. Atena Editora. <http://dx.doi.org/10.22533/at.ed.3462322061>.

FREUD, Sigmund. A Sexualidade Infantil. In: FREUD, Sigmund. **Obras Completas Volume 6**: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("o caso dora") e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 73-120. Tradução Paulo César de Souza.

FREUD, Sigmund. **Freud (1930-1936) - Obras completas volume 18**: o mal-estar na civilização e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 496 p. Tradução Paulo César de Souza.

FREUD, Sigmund. (1912) **Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (contribuições à psicologia do amor II)**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1996

FREUD, Sigmund. **Inibição, Sintoma e Angústia, o Futuro de uma Ilusão e outros textos (1926-1929)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. 400 p.

FREUD, Sigmund. **Freud (1923-1925) - Obras completas volume 16**: o eu e o id, "autobiografia" e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. 376 p.

FREUD, Sigmund. **Obras Incompletas de Sigmund Freud**: as pulsões e seus destinos. São Paulo: Autêntica, 2013. 168 p. Tradução Pedro Heliodoro Tavares.

FURTADO, L. A. R.; VIEIRA, C. A. L. **A psicanálise e as fases da organização da libido**. Scientia, v. 3, n. 4, p. 93-107, s.a. Disponível em <http://www.faculdade.flucianofeijao.com.br/site_novo/scientia/servico/pdfs/Scientia_4/Psicologia/A_PSICANALISE_E_AS_FASES_DA_ORGANIZACAO_DA_LIBIDO_Luis_Achiller_Rodrigues_Furtado_Camilla_Araujo_Lopes_Vieira.pdf> Acesso em: 11 março de 2024.

HEVESI, Krisztina et al. Faking Orgasm: relationship to orgasmic problems and relationship type in heterosexual women. **Sexual Medicine**, [S.L.], v. 9, n. 5, p. 1-1, 20 ago. 2021. Oxford University Press (OUP). <http://dx.doi.org/10.1016/j.esxm.2021.100419>.

HITE, Shere. **The Hide Report**: a nationwide study of female sexuality. New York: Dell Books, 1981. 438 p.

HOMEM, Maria; CALLIGARIS, Contardo. **Coisa de menina?**: Uma conversa sobre gênero, sexualidade, maternidade e feminismo. 5. ed. São Paulo: Papirus 7 Mares, 2019. 128 p.

JORGE, Marco Antonio Coutinho; TRAVASSOS, Natália Pereira. **Histeria e Sexualidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021. 192 p.

KONTULA, O.; MIETTINEN, A. Determinants of female sexual orgasms. **Socioaffective, Neuroscience & Psychology**, Philadelphia, v. 6, Oct. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.3402/snp.v6.31624>.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o Sexo: corpo e gênero dos gregos a freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. 316 p. Tradução Vera Whately.

LOYOLA, Maria Andrea. Cinquenta anos de anticoncepção hormonal: a mulher e a pílula. **ComCiência**, Campinas, n.119, 2010. Disponível em <http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151976542010000500010&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 06 maio 2024.

NASCIMENTO, Dulcilene Ribeiro Soares. Androcentrismo, A Construção da Dominação Cultural Masculina. **Cognitionis Scientific Journal**, [S.L.], v. 3, n. 1, p. 1-7, 10 abr. 2020. South Florida Publishing LLC. <http://dx.doi.org/10.38087/2595.8801.09>.

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento Humano**. 12. ed. Porto Alegre: Amgh Editora Ltda., 2013. 800 p.

PONTES, Ângela Felgueiras. **Sexualidade: vamos conversar sobre isso?**. 2011. 282 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Doutorado em Saúde Mental, Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar Icbas, Porto, 2011.

PRATA, Keila Eloisa Machado Santos; DIAS, Carlos Alberto. O Orgasmo na Vida Sexual da Mulher Contemporânea. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, [S.L.], v. 19, n. 1, p. 18-32, 16 maio 2008. Revista Brasileira de Sexualidade Humana. <http://dx.doi.org/10.35919/rbsh.v19i1.373>.

QUINODOZ, Jean-Michel. **Ler Freud: guia de leitura da obra de s. freud**. Porto Alegre: Artmed, 2007. 326 p.

REZENDE, Poliana Aires Rocha; BUENO, Késia Mariane de Oliveira; ARAËJO, Maria Vitória Lopes de Oliveira; SILVA, Nayara Gomes da; DANTAS, Maria Clara G.;

RIVIERE JOAN. A feminilidade como máscara. **Psychê** [en linea]. 2005, IX(16), 13-24[fecha de Consulta 25 de Mayo de 2024]. ISSN: 1415-1138. Disponible en: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=30716902>

SILVA, Joasey Pollyanna Andrade da et al. AS QUATRO ONDAS DO FEMINISMO: lutas e conquistas. **Revista de Direitos Humanos em Perspectiva**, Florianópolis, v. 7, n. 1, p. 101-122, jan. 2021.

SWAIN, T. N. Entre a vida e a morte, o sexo. **Revista Labrys Estudos Feministas**, 2006. Disponível em: <<http://www.tanianavarrosain.com.br/chapitres/bresil/entre%20a%20vida%20e%20a%20morte.htm>> Acesso em: 25 de Abril de 2024.

TEXEIRA, João Marques. A nova sexualidade I. **Psicologia, Saúde e Doenças**, 2006, 7(1), p. 3-8. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=36270106>. Acesso em: 12 de novembro de 2023.

ZANELLO V.; GOMES, T. Xingamentos masculinos: a falência da virilidade e da produtividade. **Caderno Espaço Feminino**, v. 23, n. 1/2, p. 265-80, 2010.

ZANELLO V.; ROMERO, A. C. “Vagabundo” ou “vagabunda”? Xingamentos e relações de gênero. **Revista Labrys Estudos Feministas**, jul.-dez. 2012. Disponível em: Acesso em: 21 set. 2014.

ZANELLO, Valeska; FIUZA, Gabriela; COSTA, Humberto Soares. Saúde mental e gênero: facetas gendradas do sofrimento psíquico. **Fractal: Revista de Psicologia**, [S.L.], v. 27, n. 3, p. 238-246, dez. 2015. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1984-0292/1483>.

ZUPANCIC, Alenka. **O que é sexo?** São Paulo: Autênciã, 2023. 288 p.